

## REPRESENTAÇÕES INFANTIS ACERCA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL: um estudo com alunos do ensino fundamental do Centro Pedagógico da UFMG

ANDRADE, Luísa Teixeira – Centro Pedagógico/UFMG) [lteixeiraa@hotmail.com](mailto:lteixeiraa@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo pretende refletir sobre as representações sociais dos alunos no que concerne ao imaginário sobre os negros no Brasil em uma interlocução privilegiada com as visões historiográficas clássicas no tocante a escravidão, supostamente ainda dominantes na cultura escolar e não escolar. Para tanto, foi aplicado um instrumento em que alunos de uma turma de História da quinta série do ensino fundamental do Centro Pedagógico/UFMG foram convidados a representar, por meio de desenhos e textos explicativos, os “negros e seu modo de vida” durante o período da escravidão e nos dias de hoje no Brasil.

**Palavras-chave:** representações infantis; historiografia; escravidão

**Abstract:** This paper aims to reflect about children’s social representations of the slavery in Brazil in a dialogue with the classical historiographical views over the theme, still presents in the school and non-school culture. We undertook an instrument in which students of a elementary public school called Centro Pedagógico were invited to represent, thought drawing and small texts, “black people and their way of living” during slavery and nowadays.

**Key-words:** children’s representations; historiography; slavery

### Introdução

Entre as indagações e as problemáticas atuais do ensino de História, destaca-se a necessidade de um melhor domínio do diálogo, sempre problemático, entre as representações sociais das quais os alunos são portadores – muitas delas carregadas de esteriótipos e visões preconceituosas –, e os conhecimentos sistematizados apresentados nas salas de aula.

Como argumenta Siman, as crianças, mais cedo do que pensamos, incorporam estruturas de pensamento de sua comunidade e adquirem, assim, um lugar como participante nesta. E isso ocorre seja pelo contato com os vários meios de transmissão de cultura (mídia – televisão –, relações sociais, “memórias” – individual, coletiva, de grupos), seja pela própria escola. Assim,

“Muito mais cedo do que supomos as crianças experimentam formas de discriminação social e cultural dos negros, dos índios, das mulheres e pobres, e sentem os efeitos das visões estereotipadas ou fatalistas que prevalecem em relação às diversas culturas, grupos ou classes sociais” (SIMAN, 2003a).

Em face desses desafios, este artigo pretende refletir sobre as representações sociais dos alunos no que concerne ao imaginário sobre os negros no Brasil em uma interlocução privilegiada com as visões historiográficas clássicas no tocante a escravidão,

supostamente ainda dominantes na cultura escolar e não escolar. Para tanto, foi aplicado um instrumento em que alunos de uma turma de História da quinta série do ensino fundamental do Centro Pedagógico/UFMG foram convidados a representar, por meio de desenhos e textos explicativos, os “negros e seu modo de vida” durante o período da escravidão e nos dias de hoje no Brasil.

As crianças participantes da pesquisa possuem entre 11 e 12 anos e pertencem a universos sócio-culturais<sup>1</sup> diferenciados, predominando, sobretudo, alunos oriundos de extratos sócio-econômicos médios e médio-baixo. O ingresso na escola é feito por sorteio.

A temática da escravidão ainda não foi contemplada significativamente no currículo dessa turma, o que nos permite presumir que os alunos, ao construírem suas representações, expressaram conhecimentos até então oriundos, principalmente, de suas interações e experiências sociais no interior dos grupos de pertencimento, da transmissão de memórias coletivas, assim como de diversos veículos de comunicação.

Porém, deve-se ressaltar que no ano letivo de 2013, os alunos fizeram uma visita ao Museu do Escravo, localizado no Município de Belo Vale. Devido a reformas, foi aberta ao público visitante apenas a parte dos fundos do museu, que consiste em uma “réplica” de uma senzala e um pátio composto por um pelourinho e uma escultura de um escravo sendo castigado no tronco. No interior da “senzala” havia, sobretudo, instrumentos de tortura e alguns instrumentos de trabalho. Deste modo, o discurso museográfico<sup>2</sup> da escravidão ali representado colocou em evidência uma determinada interpretação da escravidão.

### **Representações Infantis sobre os Negros e a Escravidão no Brasil: interfaces com a historiografia**

Para investigar as representações dos alunos algumas questões nortearam nossas análises. Qual o olhar das crianças sobre a experiência da escravidão no Brasil? Os alunos condenam esse sistema? Que tipo de relação eles fazem entre o passado escravista e os dias de hoje? Como são percebidas e se manifestam as relações raciais no imaginário infantil?

---

<sup>1</sup> Uma análise mais pormenorizada desse universo será feita em etapas posteriores da pesquisa devido a sua grande relevância para a compreensão das Representações Sociais dos alunos e suas diferentes apropriações no interior dos grupos de pertencimento. Sobre as *Apropriações* ver CHARTIER, Roger, 1989.

<sup>2</sup> Não há, ainda, um tratamento museográfico e historiográfico dos objetos que compõe o acervo do referido Museu. Mesmo assim, a disposição espacial dos objetos, sua ordem sequencial, seu processo seletivo já se constituem como elementos discursivos.

Salta aos olhos, ao analisarmos as representações infantis sobre o passado escravocrata brasileiro, a presença do castigo por meio da violência física a que os escravos eram submetidos, contemplado em 90% dos desenhos. Nas cenas de escravidão, imaginadas pelas crianças, há uma grande variedade de instrumentos de repressão (correntes, chicote, tronco, tronco coletivo e forca) e uma certa minuciosidade em suas descrições. *“Esse castigo se chama tronco coletivo. Em um colocamos a cabeça, no outro as mãos e no que sobrou os pés. Não é só esse castigo que existe”*(Isal); *“podemos ver no meu desenho a figura de um escravo caminhando para o tronco, onde ele ia ser chicoteado. Mas este não era o pior dos castigos, tinha outros piores”*(Pal). Isso nos leva a pensar a respeito da possível influência que o discurso museográfico exerceu sobre os alunos na visita a Belo Vale. Interessante cruzar esses dados com a recente revisão historiográfica da escravidão de Minas Colonial. Destacam-se entre os estudos *Escravidão e Universo Cultural na Colônia – Minas Gerais, 1716-1789* (2001) de Eduardo França Paiva<sup>3</sup>. Segundo os dados coletados e interpretações desenvolvidas por esse autor, nas áreas mais “urbanizadas”, como foi o caso das Minas Setecentistas, não foi possível perceber menções significativas a instrumentos de castigo, de tortura ou de prisão de escravos<sup>4</sup>. Tal como assinala Paiva “nessas áreas, práticas e objetos como esses [castigos físicos, correntes e colares para aprisionar escravos] não foram incorporados de maneira ostensiva ao ambiente material e ao imaginário existentes” (p.164, 165).

Pode-se também constatar que em 40% dos desenhos, as representações sobre o trabalho escravo se fizeram presentes. Apesar de certa variedade – lavoura, doméstico e outros (mineração, quebrar pedras, construção) –, esse trabalho é, quase sempre, duro e atribuí-se a ele, algumas vezes, conotação pejorativa: *“Ainda bem que eu não preciso fazer o serviço que eles fazem”* – voz de uma menina branca representada – (Nat). Ainda referindo-nos ao estudo *Escravidão e Universo Cultural na Colônia – Minas Gerais, 1716-1789*, o autor ressalta que os trabalhos desempenhados pelos escravos não eram sempre ligados a um grande esforço físico. O Autor aponta, já nas primeiras décadas do século XVIII, a presença pelas ruas e praças das vilas mineiras de “... escravos e escravas de ganho; negras de tabuleiro e quitandeiras com seus rebentos miúdos amarrados às costas

<sup>3</sup> Para esta pesquisa foram arrolados 858 testamentos e inventários post-mortem, junto aos acervos do Arquivo Público Mineiro, do Museu do Ouro/Casa Borba Gato/IPHAN de Sabará e do Museu Regional de São João Del Rei/Iphan referentes a comarca do Rio das Velhas e a Comarca do Rio das Mortes.

<sup>4</sup> Dos 858 documentos arrolados, foram encontradas trinta e quatro referências no total: vinte e oito (82,4%) para a Comarca do Rio das Mortes e apenas seis (17,6%) para a Comarca do Rio das Velhas.

e tantos outros” (2001, p.42). A existência desses sujeitos exercendo um papel ativo no comércio “urbano” vem opor-se à noção de que o trabalho desempenhado pelos escravos era, exclusivamente, muito duro e pesado. Essa idéia aparece também evidenciada nas pranchas do viajante Jean Batiste Debret em *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1989). Em *Negras vendedoras de pó de café torrado* (Prancha 37), entre muitas outras, o artista retrata a presença de escravas participando do comércio, desta vez, por meio da venda de pó de café torrado.

“Todos os dias, com efeito, inúmeras vendedoras de café torrado circulam nas ruas da capital, das seis as dez da manhã. As que pertencem a senhores opulentos vendem o café em pó dentro de pequenas latas com tampa, contendo cada uma três boas colheradas. (...) Outras carregam apenas uma lata grande, também de tampa, donde tiram o café com uma medida pequena da capacidade das latinhas...” (p.149).

Outro aspecto relevante para a análise das representações infantis se expressa em *“Antigamente os escravos eram usados (grifo nosso) para trabalhar em Minas de ouro”* (Isr). Esse discurso traduz uma noção em que o escravo aparece apenas como um instrumento de trabalho. Esta idéia “coisificadora” retira dos escravos a possibilidade de terem sido agentes históricos que construíram estratégias individuais e coletivas de resistência.

Assim, sob a ótica das crianças, ser escravo no Brasil significou ausência de liberdade, bem como submissão, passividade, e posteriormente de exploração e exclusão de outras possibilidades de vida. Isso nos leva a pensar que essas representações podem estar relacionadas a visões historiográficas que circulavam como dominantes durante as décadas de 50, 60, 70 e 80 do século XX. Apoiados em princípios marxistas, alguns intelectuais<sup>5</sup>, nesse período, acabaram por destacar, a partir de modelos de explicação do universo escravista, o negro-escravo como submetido, explorado, desprovido de alternativas e, conseqüentemente, vitimizado. Interpretação esta que acabou por conferir ao negro um papel passivo nas relações com o seu senhor e, quando de resistência, exercida predominantemente por meio da violência física ou pela formação de quilombos.

Sobre as representações infantis a respeito dos negros e seu modo de vida hoje no Brasil, as crianças ressaltaram tanto elementos de ruptura quanto de continuidade com o passado escravista. Ao deslocarmos nossa análise para as representações das crianças a respeito do negro e de seu modo de vida nos dias atuais, verifica-se, em 30% dos alunos, diferenças significativas. *“Hoje a maioria dos negros já tem o seu trabalho, ganha o seu*

<sup>5</sup> Dentre os quais podemos citar: Florestan Fernandes, Fernando H. Cardoso, Octávio Ianni, Emília Viotti da Costa, Ciro Cardoso, Jacob Gorender e Caio Prado Jr.

salário e tem uma casa para morar” (Glen); *Hoje os negros tem seu trabalho e profissão, tem seus direitos iguais...*”(Jade); *“Hoje em dia os negros são muito respeitados”* (Mic); *“Hoje em dia os negros trabalham normalmente em qualquer tipo de serviço”* (Isr) *“Eles agora tem casa e não apanham mais e nem ficam presos o dia todo e nem ficam com marcas de sangue”* (Anfl); *“No meu desenho quer dizer um negro saindo de seu trabalho e entrando no seu carro para ir embora para sua casa”*(Gusv); *“Chicotada já era agora eu sou da moda (Hip Hop)”*(Mic). Deste modo, na perspectiva dessas crianças, os negros estão inseridos no mercado de trabalho e na vida cultural, ocupam posições de prestígio, detém bens materiais (carro, casa) e vivem em família.

Outros 25%, relativizaram essas melhorias na vida dos negros na contemporaneidade. *“Melhorou bastante, mas o racismo ainda continua”* (Nat); *“Hoje em dia os negros estão em uma situação financeira igual a dos brancos. Todas as duas raças estão na mesma situação, mas infelizmente ainda há preconceito”* (Lui); *“Os negros não são tão discriminados como antigamente, mas ainda há preconceito”* (Pal); *“A vida dos negros melhorou muito, não há tanto racismo igual antes, agora eles se divertem, trabalham, estudam e etc.”* (Fab). Nesses casos, persistem na visão das crianças alguns elementos de continuidade com a escravidão, tais como o preconceito e o racismo.

A percepção de que os negros vivenciam situações de exclusão dos bens materiais, culturais e simbólicos da sociedade bem como situações de preconceitos e racismo aparece mais incisivamente em outro grupo de crianças (20%). *“Eu escrevi um negro catando lixo para sobreviver”* (Mat); *“Hoje os negros são bem tratados, mas se um policial vê um negro correndo ele pensa que é ladrão...”* (Ital); *“Hoje em dia, as pessoas de pele morena trabalha e estuda, mas tem alguns que moram nas ruas como mendigos pedindo esmolas e sem estudos e serviços”* (Sic) (Fel); *“Hoje em dia, há muito preconceito contra os negros. Na escola, no trabalho, nas ruas, etc. Os negros são discriminados. É por isso que se vê muitos deles na rua, sem emprego”* (Th); *“Todos negros querem seus direito de ser feliz. Tem gente, por exemplo, que trabalha em uma empresa, mas não é mudado(a) de cargo porque é negro, ou seja, isto é preconceito. Eu acho isso um absurdo. Brasil, vamos parar com isto. Negro também é gente (grifo nosso)”*(Isa). Assim, grande parte das crianças percebe as práticas discriminatórias e de exclusão social que circulam no seio da sociedade, a condenam, mas algumas crianças a reproduzem em maior ou em menor grau. *“Os negros de agora ainda sofrem preconceitos, por pessoas ricas e racistas. Ainda sim, pessoas escravizam, mas é difícil de se ver. Muitas pessoas já aprenderam a conviver com*

*os negros, mas outras não*” (Pris); *“Hoje a condição de vida dos negros melhorou bastante, eles arrumam empregos e não apanham de seus patrões se fizerem ou não coisas erradas. Hoje em dia até negro pode ser fazendeiro”* (Pehen); *“Eles já são aceitos na sociedade, mas algumas pessoas ainda são racistas, não gostam de negros, não fazem amizade com negros”* (Edn); *“Já nesse desenho eu já desenhei as pessoas trabalhando normal sem ser obrigado, e até namorando e de roupa bonita”* (All).

Alguns alunos vincularam a condição de escravo e de inferioridade do negro à cor – *“Antigamente os ricos chicoteavam os escravos por eles serem negros, e por isso batiam, com chicotes e outra coisas mais...”* (Pris); *“Os negros antigamente eram muito maltratados, por causa da sua cor. Os brancos achavam, que por causa da sua cor eram melhores que os negros”* – ao passo que uma criança vinculou a inferioridade do negro a sua condição de escravo – *“Antigamente os negros trabalhavam como escravos, e por isso, era grande o racismo (...) Hoje os negros tem seu trabalho e profissão, tem seus direitos iguais, depois que ganhou a liberdade tem o respeito de todos, sem racismo”* (Jad).

Cabe ressaltar que esse ideário racista, revelado por algumas das crianças, parece guardar relações com as teorias raciais que estiveram em voga em meados do oitocentos europeu. Com a emergência do termo “raça” (que estaria associada à idéia de heranças físicas permanentes) o debate racial passou a ancorar um estatuto de ciência. Essas idéias (das quais destacamos a ideologia do branqueamento) assumiram um papel central no interior dos museus etnográficos, dos Institutos Históricos, Escolas de Medicina e Escolas de Direito do Brasil<sup>6</sup>. Nosso pequeno estudo de cunho exploratório revela que a sua influência na memória Histórica e coletiva brasileira ainda se faz sentir nos discursos e representações sociais, de um modo geral, e dos alunos em particular.

Em linhas gerais, a grande riqueza e variedade das representações dos alunos nos levam a reconhecer a importância de uma análise mais detida e cuidadosa de seus universos sócio-cultural, assim como aponta para a necessidade de um maior aprofundamento no conhecimento de suas representações, incluindo suas atitudes e comportamentos. Como um todo, essas representações tocam em questões fundamentais sobre as relações raciais subjacentes a sociedade brasileira contemporânea, configurando-se como desafios aos professores quando ensinam História, visando a formação de novos cidadãos (e a uma educação anti-racista, aos moldes das propostas do MEC). Entre esses

---

<sup>6</sup> Sobre esse tema ver SCHWARCZ, Lilia Moritz, 2001.



desafios destaca-se a importância de desconstruir representações sociais das quais as crianças são portadoras uma vez que, como a pesquisa apontou, muitas delas embasam e justificam relações de discriminação racial e social aos negros no Brasil, ao longo de nossa História, e impedem sua afirmação como sujeitos até hoje na sociedade brasileira. Nos dizeres de Joaquim Nabuco (1883):

"Depois que os últimos escravos houverem sido arrancados ao Poder sinistro que representa para a raça negra a maldição da cor, será ainda preciso desbastar, por meio de uma educação viril e séria, a lenta estratificação de trezentos anos de cativeiro, isto é, de despotismo supertição e ignorância". (Apud, SIMAN, 2003b).

### Referências Bibliográficas:

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. Tradução portuguesa.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1989. 3 V. tradução.

FARIA, Sheila S. de Castro. *A Colônia em movimento – fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

JODELET, Denise (org). *As representações sociais*. Trad. Lian Ulup. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, p. 63-88, 2000.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na Colônia; Minas Gerais, 1716-1789*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

SÁ, Celso Pereira de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary J. P. *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIMAN, Lana Mara de Castro. O papel das representações sociais na construção do conhecimento histórico pelos alunos e na formação das identidades sociais. In. *Anais do II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e cognição: Reflexões para o ensino*. Campinas, SP: Graf. FE, 2003a. CD-ROM

SIMAN, Lana Mara de Castro. Enseignement de l'histoire au Brésil et déconstruction de l'identité nationale: conflit entre histoire et mémoire. Trabalho apresentado na *Association of Canadian Studies Conference and Social Studies Teachers Association Presence of the Past/ Présence du Passe*, 14-16 /2003, Halifax, Canadá.